8 — JORNAL DA TARDE

Quinta-feira, 30-4-87 — O ESTADO DE S. PAULO

Os monumentos à ociosidade. Caros e inúteis .

Ives Gandra da Silva Martins

Professor Titular de Direito Econômico
da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie
e Conselheiro da OAB-Seccional de São Paulo.

Alvin Tofler, em seu livro "A terceira onda" (1980), faz menção aos integradores do poder, que são os planejadores. Distingue a classe política da classe dos integradores, não pela ambição ao poder, que é comum, mas por ser esta mais permanente que a política e por crescer em velocidade maior que aquela.

A função principal do planejador é planejar. Grandes projetos sempre, posto que os pequenos não dignificam sua condição de planejador. Os pequenos projetos, sobre serem úteis e pouco dispendiosos, incorporam-se rapidamente às necessidades comunitárias, não se lembrando o povo, com o tempo, dos grandes autores dos pequenos projetos. Ao contrário, os pequenos autores dos grandes projetos são sempre lembrados. Uma ponte caríssima e que possa servir de símbolo nacional, pelo alto custo, sobre enriquecer, sigilosamente, seus executores, empobrecendo os pagadores de tributos, é sempre eleita pelos planejadores como solução ideal para o dispendio ocioso do que ocorreria com a eleição de uma ponte apenas útil, mas desprovida de todos os ornamentos supérfluos, visto que seu custo reduzido não realça a ostensividade desejada pelos integradores do poder. O fato de ser esta menos custosa e mais útil que aquela para a comunidade é fator despiciendo, eis que aos integradores do poder não interessa o bem da comunidade, mas apenas o seu renome pessoal e seu bem-estar.

Por essa razão, muitas vezes os planejadores optam por gastar recursos em monumentos comemorativos de sua ociosidade do que no asfaltar ruas ou preparar sistemas de irrigação, de esgotos ou de projetos subterrâneos, que, por não serem vistos, não valorizam seus autores.

Os integradores do poder crescem em maior velocidade e são mais estáveis que os

políticos, porque a classe não vive do conflito, mas da própria integração.

Os planejadores planejam. E, por planejarem, necessitam contar com a colaboração de mais planejadores, que, por sua vez, necessitarão continuar planejando para honrar a classe ociosa, por excelência.

Por esse motivo, ao contrário da ociosa classe política, que, no conflito, na intriga, na falta de lealdade constante, encontra forças sobrevivenciais, a classe da tecnoburocracia desconhece tal dramático desafio, impondo-se, com o tempo, à própria classe política.

Os governos mudam, os políticos se alternam no poder, mas seus integradores, aqueles que constituem a classe perpétua dos governantes, continuam sempre os mesmos, posto que a coloração partidária não se constitui em elemento de sua formação. Os integradores não têm partido político, já que são sempre governo e estão sempre no poder.

A classe política, por outro lado, não pode viver sem eles. Não pode viver sem a máquina burocrática, que cresce tanto mais quanto mais ineficiente é (técnica introduzida pelos administradores), nem sem aqueles especialistas superiores encarregados de planejar.

Embora seja a classe política aquela que aparentemente exerça o poder, ocupando espaço destacado nas fileiras da classe ociosa, em verdade é conduzida pela classe dos integradores, posto que é esta que detém o conhecimento específico capaz de fazer a máquina funcionar — necessariamente mal — para sua dignificação. Isto porque o mau funcionamento da máquina administrativa exige os "necessários" administradores da crise, ou seja: os "notáveis" integradores.

Sem crises, não há integradores do poder. Eis a razão pela qual o integrador é, simultaneamente, um gerador das crises, que aprendeu a administrar, pelo "planejamento eco-

nômico e social", melhor do que a classe política.

Thorstein Veblen falava em ócio vicário, ou seja, daquela classe subordinada à classe ociosa, que, entretanto, usufruía dos benefícios do ócio conspicuo. A nova classe ociosa vicária é a política, posto que se subordina, enquanto no governo temporário, aos desígnios e exercícios de poder determinados pela classe ociosa dos planejadores, única capaz de entender as técnicas especialíssimas de geração de crises e convivência com as mesmas. A tais planejamentos a classe política apenas adere, incapaz de compreendê-los ou de executá-los.

De qualquer forma, a nova classe ociosa, constituída de políticos e integradores, exerce o poder pelo poder, não se misturando com a classe servil, constituída de empregados e empregários, obrigados a obedecer ao que não decide, sob a alegação de que o que for bom para a nova classe ociosa é bom para o país, mesmo que não seja bom para o povo.

E pensar que Confúcio, quando imaginou a colaboração dos especialistas, como assessores dos reis chineses, partiu do princípio de que, por amarem a cultura mais do que o poder e o dinheiro, poderiam auxiliar, por seu idealismo inato, os governantes de todos os tempos!

A experiência chinesa, principalmente no período dos Reinos Combatentes, demonstrou que o grande pensador oriental tinha mais vocação poética que filosófica.

O século XX não fez mais do que confirmar que os integradores do poder, por serem mais cultos, terminam por exercê-lo de forma mais inútil, sofisticada e onerosa para a comunidade do que a singela forma de linear disputa que a classe política oferece.

A força da nova classe ociosa pertence, pois, aos integradores do poder e a seus colaboradores ostensivos, que são os políticos.